

OBRAS POÉTICAS

DE

Laurindo José da Silva Rabello

RIO DE JANEIRO

--

1882

Edição preparada por Fábio Frohwein para o curso de extensão “Limites da Literatura Erótica”, coordenado pelo Prof. Dr. Wellington de Almeida Santos e ministrado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2007.

III

LIVRES

AO LEITOR CURIOSO

Depois de laboriosas pesquisas e de improbo trabalho, sahem hoje colleccionadas em volume as poesias do Dr. Laurindo José da Silva Rabello, que não podem, PROH PUDOR! fazer parte das que o commum dos leitores encontrará em todas as livrarias.

Se não fosse o receio da redundancia de titulo, denominal-as-hiamos - POESIAS EROTICAS, BURLESCAS E SATYRICAS - como o fez Innocencio da Silva para com as de Bocage, inspiradas pela mesma musa livre, galhofeira e desbocada.

Damol-as como a tradição oral nol-as conservou, por certo alteradas em mais de um ponto e modificadas, segundo a comprehensão poetica de cada um dos agentes da tradição as transmittio ao editor.

O poeta, prodigo que era, como Bocage, do seu talento, nunca se deu ao trabalho de as confiar ao papel e de as colleccionar, não as julgando seguramente dignas de publicidade. Nós, porém, guarda avançada da posteridade e justamente zelosos da fama de repentista e humoristico de que gozava o prolifico bardo fluminense, julgamos não dever privar o leitor de por si mesmo apreciar essa face singular daquelle prodigioso talento. Os amadores desse genero de poesia nos agradecerão sem duvida o valioso

presente que ora lhe fazemos.

Se mais tarde nos chegarem á mão outras composições da mesma indole do inexgotavel Bocage brasileiro, dal-as-hemos em nova edição, se a presente, embora incompleta, merecer o acolhimento que esperamos.

O EDITOR.

MOTTE

Junto a uma clara fonte
Analia bella encontrei,
Mimosamente banhando
Uma cousa que eu cá sei.

GLOSA

Um dia em que o meu gado
Pastorava no deserto,
O bosque de um monte perto
Vi de flôres recamado;
Áquelle mimo encantado
Me dirigi por defronte,
E chegando ao pé do monte,
Que suspendia a ramada,
Dei com uma nympha agachada,
JUNTO A UMA CLARA FONTE.

Pé ante pé, subtilmente
Nas hervanças me escondi,
E como basbaque alli
Pus-me a vel-a attentamente;
No collo livio e luzente
Dois globos lhe admirei,
Rica anagua divisei
Suspensa á verilha sua,
E d'ahi p'ra baixo nua,
ANALIA BELLA ENCONTREI.

Nos calcanhares sostida,
Abertas lucidas coxas,
No meio entre sombras roxas,
Negra cupula crescida,
Com o figo parecida,
Do meio p'ra o fim rachando;
Da fenda, vermelhejando,
Pingente rubro surdia,
Na qual agua sacudia,
MIMOSAMENTE BANHANDO.

C'o este painel aturdido,
Em chammas de amor acceso,
Corro, chego, mostro tezo,
De Venus o sceptro erguido;
Ella assustou-se. "Atrevido!
Me disse assim que cheguei.
A seus pés me ajoelhei,
Com protestos tão extremos
Que alli logo fizemos
UMA COUSA QUE EU CÁ SEI.

DECIMA

Certa mulher de um marquez
Fodi por cousa nenhuma,
Mas fodi sómente uma,
Deus me livre de outra vez!
A tal putinha me fez
Na porra tal desatino,
Com seu rebolar malino
Poz-me a mente tão corrupta
Que julguei no cú da puta
Encontrar o palatino!

MOTTE

Vá p'ra puta que o pario!

GLOSA

Certa sujeita do paço
Um amante namorava,
Com quem se punheteava,
Com todo o desembaraço;
Elle quiz ir-lhe ao cabaço
Mas ella lhe retorquio:
“Gentes, pois já se vio?
“Arre lá, arrede a trouxa!
“Se já não lhe serve a coxa,
“VÁ PRA PUTA QUE O PARIO!

MOTTE

Porra no cú não é festa.

GLOSA

Em noute do Espirito Santo
Comia certo fanchono
Um sacana de alto abono
De uma barraca no canto;
Já lhe tinha um tanto ou quanto
Entrado do cú na fresta;
Troão foguetes... “E esta?
(Diz o puto em repiquetes)
“A que vem estes foguetes?
PORRA NO CÚ NÃO É FESTA!

OUTRO

Nariz no cú não é festa

GLOSA

Á foda estando disposto,
De uma puta em casa entrei;
Sobre a cama me deitei,
E, nella tendo-me posto,
Na força daquelle gosto
Quiz cheirar-lhe o cú. “E esta?
(Diz a puta) o que mais resta
“A se ver n’um putanheiro?...
NARIZ NO CÚ NÃO É FESTA!

MOTTE

Você diz que arromba, arromba,
Não se arromba desta sorte;
Quem o tem apertadinho
Vê-se nas ancias da morte.

GLOSA

A Jonio dizia Eulina,
No leito deitada e nua:
- É tão grossa a coisa sua
E a minha racha tão fina!
- Isso arromba-se, menina,
Diz elle, encostando a tromba.
- O que, meu bem? você zomba,
E abusa da innocencia!
Eu lhe peço paciencia,
VOCÊ DIZ QUE ARROMBA, ARROMBA!

- Ai! Ai!... com que força fura!
Não parece alma christã!
Guarde o resto p'ra amanhã,
Que já fez-me uma cisura.
Que coisa tão grossa e dura!
Ai! meu bem, esta foi forte!...
Com mais outra dá-me a mortel!...
Modere esse seu furor,
Olhe que a porta de amor
NÃO SE ARROMBA DESTA SORTE!

Na bocca em que a dôr mais graça
Impõe e torna sublime,
Jonio mil beijos imprime
Que á voz servem de mordança;
Nos peitos a mão lhe passa,
E assim lhe diz com carinho:
- Tire a mão, deixe o coninho,
Pois essa dôr que a tortura,
Sente sempre na abertura
QUEM O TEM APERTADINHO.

- Você (prosegue extremoso)
Agora pensa que morre,
Porém logo que se esporre
Verá que prazer, que gozo!...
Ai!... Entrou!... Não é gostoso?
- Não; que dôr!... Meu bem, suporte!
A bella faz-se de forte,
Põe-se co' a bunda a mecher,
E entre a dôr e o prazer
VÊ-SE NAS ANCIAS DA MORTE!

MOTTE

Já não tenho mais tezão,
Já não sou quem dantes era!

GLOSA

Amor, ao teu carro em vão
Tu me pretendes jungir,
Eu não te posso servir,
JÁ NÃO TENHO MAIS TEZÃO;
De putas um batalhão
Já forniquei n'outra era;
Já fodi com porra féra
Mulatas, brancas e pretas,
Hoje só como punhetas,
JÁ NÃO SOU QUEM DANTES ERA!

OUTRO

Puz entre as mãos de meu bem
Alma, vida e coração.

GLOSA

Fingindo meigo desdem,
Estando muito arreitado,
O meu caralho entezado
PUZ ENTRE AS MÃOS DE MEU BEM;
De mil caricias além,
Na cabeça poz-lhe a mão,
Com tão doce sensação,
Que, apertando a minha bella
Lancei n'uma esporradella
ALMA, VIDA E CORAÇÃO.

Marcianna e Feliz-Asno (*)

MOTTE

Marcianna diz que tem
Sete varas de cordão;
É mentira, não tem nada,
Nem dez reis para sabão.

GLOSA

Leve o demo o maldizente
Que maldiz qualquer pessoa;
Marcianna é cousa bôa,
É crioula de patente!
Si ella trata a pobre gente
Com desprezo e com desdem,
Tem razão, porque tambem
Entre os ministros de Estado
Um reverente criado
MARCIANNA DIZ QUE TEM.

(*) Felizardo.

Feliz Asno, que se ufana
De saltar de amor abrolhos,
Ficou preso pelos olhos
Da crioula Marcianna;
Qual macaco por banana,
Por ella nutre paixão,
E, para tal affeição
Mostrar com todo apparato,
Mandou-lhe com seu retrato
SETE VARAS DE CORDÃO.

Da gente vizinha vem
Aos ouvidos com presteza
A noticia da riqueza,
Da nobreza que ella tem.
Não acredita, porém,
Na noticia inesperada,
E no contrario firmada
Responde a canalha tola:
São invenções da crioula,
É MENTIRA, NÃO TEM NADA!

Chamão-n'a de mentirosa,
De atrevida e malcreada,
De impostora e descarada,
De miseravel vaidosa!
Que gente tão aleivosa!
Mas, coitados, tem razão,
Pois lhes causa confusão
Ver com feições de - rainha
Uma negra que não tinha
NEM DEZ REIS PARA SABÃO!

MOTTE

Marcianna com ciumes
Do seu querido socó,
De manhã já não lhe dá
O gostoso pão de ló.

GLOSA

Já não usa de perfumes,
Nem espicha a carapinha
A feiticeira negrinha
MARCIANNA COM CIUMES:
Chorosa ella invoca os Numes
Que a matem sem pena e dó
Que a reduzão a pó,
Porque a vida não lhe agrada,
Quando se vê desprezada
DO SEU QUERIDO SOCÓ!

Na afflicção em que está
Nem gemmadas, nem mingáo
Ao ingrato carapáo
DE MANHÃ JÁ NÁO LHE DÁ:
Antes lhe manda que vá
Ao lugar que tem um - O -;
E vagando triste e só
A soluçar e gemer,
Já não faz para vender
O GOSTOSO PÃO DE LÓ!

MOTTE

Quem Feliz-asno se chama
Decerto é asno feliz.

GLOSA

Se Camões cantou um Gama
Por seus feitos de valor,
Tambem merece um cantor
QUEM FELIZ-ASNO SE CHAMA:
Qualquer burro pela lama
Enterra pata e nariz,
Mas este que com ardis
Chegou a ser senador
É besta de alto primor,
DE CERTO É ASNO FELIZ.

OUTRA

Do nosso animal a fama
Não consiste em letras ter;
Só contas sabe fazer
QUEM FELIZ-ASNO SE CHAMA:

Para cobrir-se de lama
Até ser ministro quiz,
Mas só no nosso paiz
Um burro de má figura
Chegaria a tal altura:
DE CERTO É ASNO FELIZ!

OUTRA

Assim como um galho é rama
É uma vara cipó,
Tambem pode ser Socó
Quem Feliz-asno se chama:

Um leito tambem é cama,
Uns dizem gesso, outros giz;
Um grande beque é nariz,
De um botão brota uma flôr;
Mas um burro senador!
DE CERTO É ASNO FELIZ!

MOTTE

Ou são quatro as Graças bellas
Ou tu és uma das tres.

GLOSA

Ou no Becco das Cancellas
Ha uma Graça fugida,
Por ser no Empyreo fodida,
OU SÃO QUATRO AS GRAÇAS BELLAS.
Uma femea igual a ellas
Lá encontrei uma vez
Em certa noite de Reis,
E lhe disse por chalaça:
- Ou ha de mais uma Graça,
OU TU ÉS UMA DAS TRES.

OUTRO

Priapo teve um ataque
Ao ver um donzel no mundo.

GLOSA

Dos conos no grande saque,
Que é por todos repetido,
Nas lutas enfraquecido,
PRIAPO TEVE UM ATAQUE;

O deus tornou-se um basbaque,
E as putas com dó profundo
Puzerão luto no sundo;
Mas tudo em breve mudou,
Porque o deus resuscitou
AO VER UM DONZEL NO MUNDO.

MOTTE

As Graças servem á meza,
Minerva toma lição,
Appollo toca o Bitú
Nas cordas do rabecão.

GLOSA

Famosa e bella barraca
Lá no largo do Rocio
Foi, pelo racional brio,
Feito com pannos de maca;
Do candieiro á luz fraca,
Quasi sempre mal accesa,
Vê-se que, com gentileza,
Um pagode alli se arvora,
Onde, com o cú de fora,
AS GRAÇAS SERVEM Á MEZA.

Tambem por entre estas scenas
Da nação vê-se o Thesouro
Qual um menino do côro,
Vendo as partes obcenas
Daquellas machas pequenas
Que, em tão bella posição,
Té podem fazer tezão
Á criancinha innocente,
A quem, qual mestra prudente,
MINERVA TOMA LIÇÃO.

Vendo esta scena tão grata,
Das Musas o velho pai
Afflicto do Pindo sae,
Julgando encontrar mamata;
Mal chega, as calças desata,
Tira as vestes põe-se nú,
Das Graças aperta o cú,
E, arreitado ficando,
Em um rabecão pegando,
APPOLLO TOCA O BRITÚ.

Minerva, coçando o sundo,
De ensinar deixa o menino,
E agarrar quer no pepino
Do louro Appollo jocundo;
E, volvendo o cú rotundo
Com fremente arreitação,
Deixa a musica de mão,
Tira o menino do collo,
E faz esporrar-se Appollo
NAS CORDAS DO RABECÃO.

OUTRO

As Graças mostram o cú
Minerva toma lição
Appollo toca o Bitú
Nas cordas do rabecão.

GLOSA

Eu vi hoje uma pintura
Feita por habil artista,
Que encanta e deleita a vista,
E a pica torna-se dura;
A deusa da formosura
O cono apresenta nú;
Vulcano come um cajú,
Largando a bigorna e o malho;
Priapo mostra o caralho,
AS GRAÇAS MOSTRAM O CÚ.

Tudo entre os deuses se move,
As deusas tomão na grêta,
Cupido toca punheta
No baccamarte de Jove:
Das bicas do Olympo chove
O leite com profusão;
Entre os que levão na mão,
Entre os que tomão na via,
A todos em putaria
MINERVA TOMA LIÇÃO.

Quando termina a festança
E já se acabão as fodas,
As deusas formão mil rodas,
Marca Jove a contradansa;
O terno Cupido dança,
Batendo com as mãos no cú,
Mercurio dança o lundú,
Priapo dança com Juno,
Marca o compasso Neptuno,
APPOLLO TOCA O BRITÚ.

Termina a questão famosa
E, já fatigado Appollo,
Se foi recostar ao collo
Da bella Venus mimosa;
Ella toda carinhosa
Lhe vae fazendo tesão,
E tanto bulio com a mão
Que, quando menos pensava,
Appollo já se esporrava
NAS CORDAS DO RABECÃO.

MOTTE

Já sinto gostos na pomba!...
Bravo, meu bem, 'stou me vindo!

GLOSA

Um certo velho Lacomba
Com certa puta fodia,
Que entre mil luxos dizia:
JÁ SINTO GOSTOS NA POMBA!...
O velhinho na maromba
Com o cú vae sacudindo
E a puta rebolindo
A bunda com summo geito,
Diz com gesto satisfeito:
BRAVO, MEU BEM, 'STOU ME VINDO!

OUTRA

Caralho grosso e de arromba
Marilia alegre gramava,
E entre suspiros bradava:
JÁ SINTO GOSTOS NA POMBA!

Vermelha cabeça e romba
Mais se vae introduzindo,
E o caralho já sentindo
Doces cocegas de amor,
Dizia em voz de stentor:
BRAVO, MEU BEM, 'STOU ME VINDO!

AO RÊGO

(SATYRA)

Illustrissimos senhores
Da nossa Municipal,
Deixae que um fraco mortal
Inferior dos inferiores,
Implore os vossos favores
E bondade conhecida,
Para que seja attendida
E posta em actividade,
Com a maior brevidade,
Uma importante medida.

Já não servem as calçadas
De guarda ao limpo vestido,
Que o RÊGO a ellas unido,
Cheio d'aguas encharcadas,
Põe as vestes salpicadas

D'agua suja a cada instante;
Emquanto o gaz impicante
Das fezes com que se enfeita,
Com seu aroma deleita
As ventas do caminhante.

Inda aqui nesta cidade,
Assim como na campanha,
A mesma infelicidade
Ao RÊGO sempre acompanha;
A porcaria é tamanha
Como nunca vi igual,
Porque todos em geral,
Iguaes na vontade sua,
Converterão em commua
O RÊGO do hospital.

Parece fatalidade
Esta desgraça do rêgo;
Sempre com pessimo emprego
O tem visto a humanidade;
Da natureza a impiedade

Deu-lhe um destino bem crú,
Quando vejo um homem nú
Fico disto na certeza,
Pois noto que a natureza
Abrio-lhe um rêgo no cú.

Muita gente ha que nutrindo
Economicos desejos,
Fazem da casa os despejos,
Das despesas prescindindo;
Quando tudo está dormindo,
Vão cuidar do doce emprego
E com todo o seu socego,
Innocencia e singeleza
Passão a fazer limpeza
Mesmo na boca do rêgo.

Causa raiva seriamente,
Tira-me todo o socego,
Ver assim o pobre rêgo
Cagado por tanta gente,
Não ter remedio um doente

E outras cousas iguaes
É máo para os hospitaes,
Isto é claro, está bem visto;
Mas além de tudo isto,
Cagar no “rêgo” é demais!

.....

Vós, porém, sabios eleitos
Podeis o erro emendar;
É dos sabios melhorar
Ou destruir os defeitos;
Mas se devem imperfeitos
Os “rêgos” sempre ficar,
Mandai-os eliminar
De qualquer lugar decente,
E haja “rêgo” somente
Onde se deva cagar.

Nestes termos pede o vate
Do Hospital para socêgo,
Que seja entupido o rêgo
Que lhe dá tanto combate;
O Congresso sem debate,

Prompto pode assim dispôr;
Ninguem satyra suppôr
Vá que o meu pedido encerra:
Fallo de um rêgo de terra,
E não do Rêgo Doutor.

MOTTE

De putas uma remessa
O guardião sempre tem.

GLOSA

Buscava João com pressa,
De fanchonos um convento,
Mas burlou o seu intento
DE PUTAS UMA REMESSA;

“Menino, que pressa é essa?
(Diz-lhe uma com desdem)
“Se procura achar vintem
“No convento, não se mate,
“Que pívias desse quilate
“O GUARDIÃO SEMPRE TEM.

OUTRO

Alma pura e rosto d'anjo
Nella juntos encontrei.

GLOSA

Disse-me um dia um marmanjo
Que furtou-me uma gallinha
Que a sua adorada tinha
ALMA PURA E ROSTO D'ANJO;

Por me não fazer arranjo
O caso desconversei;
A gallinha lhe tomei,
E apalpando-a de novo,
Uma gallinha e um ôvo
NELLA JUNTOS ENCONTREI.

MOTTE

Uma amisade sincera
Só falta, faltando a vida.

GLOSA

Quando o teção se apodera
De Joven, ardente pica,
É quando se verifica
UMA AMISADE SINCERA;
Lília ingrata, Lília fera,
Nesta porra endurecida
Terás prova desmedida
De amisade até que eu morra
Pois teção na minha porra
SÓ FALTA, FALTANDO A VIDA.

DECIMA

Por aqui uma só vez
Não passo por esta rua,
Que não veja esta perua,
Na porta com dous e tres;
Que fudas não dá no mez
Aquelle cono tão quente!
E chega a ser tão potente
A maldicta da cachorra,
Que no cú sempre tem porra,
Na porta sempre tem gente!

MOTTE

Pode apalpar, pode ver,
Das coixinhas pode usar,
Por fóra quanto quizer,
Dentro não, que hei de gritar!

GLOSA

- Meu benzinho, que desgosto
Me está causando você;
Sua boquinha me dê,
Para mim volte o seu rosto.
- Eu consinto no seu gosto,
Porém não ha de metter,
E se deseja saber
Se ainda tenho cabaço,
Com todo desembaraço
PÓDE APALPAR, PÓDE VER.

- Aqui está! Metta o dedinho
Na cavidade do centro;
Não me carregue p'ra dentro
Que me magôa o coninho;
Não esteja tão tristezinho
Por eu não me franquear;
Você me quer deshorrar!
Olhe, eu lhe faço um partido
Se é p'ra ser meu marido,
DAS COIXINHAS PDE USAR.

A coisa poóde encostar
Por fóra, não tenha susto;
E, se quer prazer mais justo
Póde os peitinhos chupar.
Em tudo deixo pegar,
Mas só faça o que eu disser,
Pois se minha mãe souber
Que você... ai! ai! que dôr!
Ai!... dentro não, meu amor!...
POR FÓRA, QUANTO QUIZER!

- Já vae você, minha vida,
Sua coisinha mettendo...
A pomba me está doendo...
Eu já me sinto ferida;
Não me queira ver perdida...
Vá pedir-me p'ra casar...
Meu Deus!... E elle a teimar...
Olhe que eu me vou embora...
Se quizer venha-se fóra,
DENTRO NÃO, QUE HEI DE GRITAR.

SONETO

A femea capichaba deu entrada
No seu leito ao monarcha brasileiro,
Que nos gozos de amor, habil, matreiro,
A sujeita deixou logo emprenhada.

Um jumento pario! (Pobre coitada!)
Tem do Mattoso o rosto traiçoeiro,
Do Monte Alegre as patas, e o trazeiro
É a cara do Olinda retratada.

Tem do Torres a força intelligente,
Do Manoel Felizardo a prenda brava,
Com que raivoso vingá-se da gente.

Quando Jobim, parteiro, o apresentava
Todo o povo dizia geralmente
Que de tal pae, tal filho se esperava.

SATYRA

(A um ministro)

Para mostrar que é mui sabio
E filho de boa gente,
E dos passados ministros
Ser em tudo differente,
Sua excellencia da guerra
Em tudo que der á luz,
Em vez de assignar de nome
Pretende assignar de cruz.

MOTTE

Sebo! Caguei! 'Stou zangado!

GLOSA

Fui uma puta foder,
Que era velha, mas bem feita,
E quem tal cono regeita
Melhor fôra não viver.
Puz-me com ella a mexer
N'um colchão empavezado,
Porém, tendo-me esporrado,
No diabo da coruja,
Fiquei com a calça suja...
SEBO! CAGUEI! 'STOU ZANGADO!

DECIMA (*)

No A B C de Cupido
Errou você desta vez,
Porquanto com um C fez
Perder de somno o sentido.
Somno com C só ouvido
Enteza a porra a seu dono;
Com C não se escreve somno,
Aprenda com mais trabalho:
Com C se escreve caralho
Com que vi foder seu cono!

(*) Esta decima foi feita a uma moça que marcára uma entrevista ao poeta. Tendo-se este demorado, recebeu ella um outro amante; o poeta chegou mais tarde e pelo buraco da rotula vio uma scena sobre um sofá, por demais erotica, pelo que retirou-se sem entrar. No outro dia ella escreveo-lhe, dizendo-lhe que por sua causa perdera o - o CONO - toda a noite; a resposta foi esta decima.

MOTTE

Cupido, rei dos amantes,
Rei da puta que o pario,
Escreveu da mãe no cú:
Putá assim nunca se vio!

GLOSA

Longe, longe o preconceito
D'impia e vã sociedade!
Fôda toda a humanidade!
Fôda a torto e a direito!
Marília tem no meu peito
Ternos cultos incessantes,
Porque, attento aos relevantes
Feitos seus de amor nas lutas,
A fez rainha das putas
CUPIDO, REI DOS AMANTES.

Sim, o deus cego ignorava
Antes de ver a Marília,
O portento, a maravilha
Que o reino fodal guardava;
Como ella rebolava
Nem no céu rebolar vio;
E portanto concluo
Que das putas ser devêra
Rainha, como elle era
REI DA PUTA QUE O PARIO.

Mas de amor sempre a doidice
Foi constante predicado
Posta a cousa neste estado
Veio emfim a parvoice:
Tomou por capadocice
Uma penna de Perú,
Pilha a mãe dormindo, e nú
Vendo-lhe todo o trazeiro,
O decreto putanheiro
ESCREVEU DA MÃE NO CÚ.

O olho do cú divino
Leu o decreto: acordada,
Furiosa bofetada
Solta Venus no menino,
Que, tremendo, em desatino:
“Marília!” disse, e fugio.
Tal ouvindo, Venus rio,
Exclamando com agrado:
“Tens razão, filho adorado,
“PUTA ASSIM NUNCA SE VIO!

MOTTE

A pombinha de meu bem
Tem assucar refinado.

GLOSA

Na chacara não sei de quem
Fodi com muito embaraço,
Porém achei sem cabaço
A POMBINHA DE MEU BEM.
Comtudo direi que tem
Aquelle pomo sagrado
Um prazer do céu mandado!
Si não tem cabaço dentro,
Na cavidade do centro
TEM ASSUCAR REFINADO.

MOTTE

Os culhões de José Felix
Já não cabem nas ceroulas

GLOSA

Maior que o circo do Telles
É a coxa do Cordeiro
E já tem por travesseiro
OS CULHÕES DE JOSÉ FELIX.
São rugosas, grossas pelles
Como cascas de cebolas;
Parecem murchas papoulas
Esses sacos membranosos,
Que, sendo assim volumosos,
JÁ NÃO CABEM NAS CEROUHAS.

AS ROSAS DO CUME

No cume da minha serra
Eu plantei uma roseira,
Quanto mais as rosas brotão
Tanto mais o *cume* cheira.

Á tarde, quando o sol posto,
E o vento no *cume* adeja,
Vem travessa borboleta,
E as rosas do *cume* beija.

No tempo das invernadas,
Que as plantas do *cume* lavão,
Quanto mais molhadas erão
Tanto mais no *cume* davão.

Mas se as aguas vem correntes,
E o sujo do *cume* limpão,
Os botões do *cume* abrem,
As rosas do *cume* grimpão.

Tenho pois certeza agora
Que no tempo de tal rega,
Arbusto por mais cheiroso
Plantado no *cume* pega.

Ah! porém o sol brilhante
Secca logo a catadupa;
O calor que a terra abraza
As aguas do *cume* chupa!

MOTTE

Estava eu mette não mette,
Nunca me aconteceu tal!
Derramou-se toda a cêra
nas bordas do castiçal!

GLOSA

Marcianna, Marcia ardente,
Em chamma libidinosa,
Que eu gose em hora ditosa
Seus attractivos consente.
Já damnada, á porra quente
Ordena que a foda encete:
Eis que um torpôr me accommette,
E de mim se apoderando
Cahe-me molle a porra, quando
ESTAVA EU METTE NÃO METTE!

Mil meios debalde emprego!
A porra permanecia
Tão molle que se podia
Com ella dar um nó cego!
Nas coxas, no cono esfrego...
Qual teção! E p'ra meu mal,
Perdida a força moral
Ao ver-me n'aquelle estado,
Só dizia encaralhado:
- NUNCA ME ACONTECEU TAL!

Proxima vella, que, accesa,
Esta scena allumiava;
Seguro, e o que me cercava,
Passo a ver com miudeza;
Mas oh! terrivel surpresa!
A vella se derretêra,
E, quando eu menos provêra,
Eu, que a tinha sem cautella,
Sobre o pentelho da bella
DERRAMOU-SE TODA A CÊRA!

Cahe-me o castiçal da mão,
Completo escuro domina,
E, por mal da minha sina,
Reapparece o tezão.
Metto sem mais atenção,
Sinto em vez do natural
Mas um frio de metal
Do cono doce agasalho:
Tinha mettido o caralho
NAS BORDAS DO CASTIÇAL!

MOTTE

Não posso mais atural-o!

GLOSA

Vi por uma fina greta
De um rapaz o lindo rosto;
Fiquei morrendo de gosto,
Quiz comel-o de punheta.
N'isto passou uma prêta,
Que hia talvez procural-o;
Mandei por ella chamal-o,
Mas respondeu-me a cachorra:
- Meu senhor moço, ora porral!
NÃO POSSO MAIS ATURAL-O!

OUTRA

Tinha a pica intrometido
Já toda no cú de um puto,
E pelo pentelho hirsuto
Tinha a dextra introduzido;
Diz-me o puto mui doído:
- Meu senhor, queira tiral-o!
Eu aperto-lhe o badalo,
E o puto, então se zangando,
Grita, a bunda retirando:
- NÃO POSSO MAIS ATURAL-O!

MOTTE

Como vens tão vagarosa,
Ó formosa e clara lua!

GLOSA

Minha voz melodiosa
Porque não vens escutar?
Porque teimas em tardar?
COMO VENS TÃO VAGAROSA!

A pomba de D. Rosa
Não chega á belleza tua;
Mesmo quando se põe nua,
Rebulindo com o cú,
Não bella como tu,
Ó FORMOSA E CLARA LUA!

MOTTE

Os segredos do caralho
Ninguém os póde entender;
Alegre quando tem fome,
Triste depois de comer!

GLOSA

De pedreiro official
Contractou um casamento,
E guardava (oh! que portento!)
Um estado virginal.
Em a vespera nupcial
Acabou o seu trabalho,
E, á sombra de um carvalho,
Disse, vendo a terna irmã:
- Eu vou saber amanhã
OS SEGREDOS DO CARALHO.

Passando a noite ditosa
Desse prazer tão completo,
Que, para o tal architecto,
Tinha sido deleitosa,
Deixa um pouco a terna esposa,
Vae da irmã á casa ter;
E, ao vil-o receber,
Diz-lhe elle baixo á orelha:
- Mana, segredos d'abelha
NINGUEM OS PÓDE ENTENDER.

- É verdade, lhe replica
A irmã, que a foder é dextra;
Nem com ser abelha-mestra
Sei os segredos da pica...
Não viste tu como fica
Antes e depois que come?
É uma cousa sem nome!...
Nota bem que não gracejo;
É só o bicho que vejo
ALEGRE, QUANDO TEM FOME!

- Reparei, irmã querida,
E fez-me grande impressão
Vir-lhe aquella indigestão
Logo depois da comida!
Cançado da dura lida
Parece que vae morrer;
Embalde tenta se erguer
Porque a fraqueza o tolhe,
E entre os culhões se recolhe,
TRISTE DEPOIS DE COMER!

MOTTE

D'aqui não ha de sahir

GLOSA

Não querendo dar na fina
Por ser um grande peccado,
Procurei todo arreitado
Uma bonita menina;
Larguei-lhe uma alicantina
Para de graça me vir;
Porém, querendo fugir,
Quiz-me o chapéo penhorar,
Dizendo: - Sem me pagar,
D'AQUI NÃO HA DE SAHIR!

OUTRA

Estou com Marcia uma hora,
Pedi-lhe para fodel-a;
Ella me diz: - “Sou donzella”
E já queria ir-se embora.
Eu com ar de quem implora,
Respondi sem me affligir:
- Como o que acabo de ouvir
Minha rasão se accommoda,
Porém sem dar uma fôda,
DAQUI NÃO HEI DE SAHIR.

DIALOGO

(Para um mineiro obter uma foda)

- Marília, meu bem, eu venho,
Impaciente e arreitado,
A pedir-te neste estado
Um pino com todo o empenho.
- Pinos feitos eu não tenho
Com que o possa consolar;
Só se quer aproveitar
De um de tres que hontem me derão,
Que nenhum mal me fizerão;
Veja como quer tomar.

- Para mais me não deter
Que seja de pé te rogo
- De pé, não, que fico logo
Toda convulsa, a tremer!...
- Pois então bem pode ser

Meia sentada, á ligeira...

- Desse modo dá canceira,
Nem sei como delle gosta;
Si me espicho, estou mal posta,
Si me encolho, estou trazeira.

- Do capote a cama bella

Vê se no chão te consola...

- Não que os joelhos te esfolla,
E a mim o cú me rella

- Debruça-te sobre aquella

Linda meza que alli vejo...

- Alli não, que já prevejo
Que, além de outras implicancias;
Não posso, no ardor das ancias
Abraçar, nem dar-te um beijo.

- Seja á beira do teu leito

Sob os meus braços curvada...

- Fico assim muito espetada,
Sem bolir por mais que arreito.

- Vidinha, anda, põe-te a geito,

Seja em cima ou fóra della;
Olha que a porra já mella,
Temo que o teção se abrande...
- Si é dura, si é grossa e grande,
Oh! sorte!... oh! gosto!... oh! que bella!

- De estacada, ou bella cama,
De espavento, ou chavelhão,
Tranquilha, ilharga ou malhão,
Aplaca do caralho a chamma.
Ao ver um fodão de fama
De arreitado perco somno!
- Da pomba se faça dono,
Pegue, metta, me soccorra;
Si soluça e pinga a porra,
Já palpita e baba o cono!

- Marilia, vê como gostas
Que aplaquemos tanto ardor;
Escolhe seja qual fôr
Uma das modas propostas
- Tu de braços eu de costas,

Teremos fodal victoria:

Pega amor, pega na historia,

Mette... carrega... circunda!...

- Que mimo!... que voz!... que bunda!

- Que pino!... que ancial!... que gloria!...

- Você que teve?... que tem,

Que aos soluços não dá fim?

Sou bôa?... gostou de mim?...

- Ah! Marília, no vae-vem

Fallei doce?... boli bem?...

Regalaste-me este peito!

- Si sou boa e me achou geito,

Repita o mesmo que fez...

- Virei para outra vez,

Agora estou satisfeito.

- Ora bolas, só poltrão!...

Si não tem paixão por grêta,

Faça a si mesmo a punhêta,

Não se metta a fodanchão!

- Marília, não é o teção

Traste que este já guardado...

- Vá... sô caralho cagado,

Traste inutil... homem de borra!...

- Apalpa, e verás a porra

No mais lastimoso estado!

- Eu te arrenego, maldicta!...

Nunca vi cousa mais molle!...

Não dá pulos, nem se bole,

Não soluça, nem palpita!...

- Sempre depois que vomita

Por um pouco fica em borra...

- Vá-se embora, antes que o corra,

Vá mandar deitar-lhe uns calços!...

Não toque rebates falsos

Com tripa em lugar de porra!

- Dá-lhe agasalho decente,

Põe-lhe e tira a carapuça,

Emquanto ella não soluça

Corre-lhe a mão brandamente;

As cricas do cono ardente

Com ella passa a coçar;
Verás, quando endireitar,
Qual um corno, endurecer,
Si é tripa que vae encher,
Ou porra que vae vasar?

- A engrossar e a crescer
Começa contorsões novas,
Já salta, já dá corcovas,
Já dá signaes de querer...
Agora bem pode ser...
Si tu queres, repítamos...
- Estão a vir os meus amos,
Foi-se a vontade e occasião...
- Eu não teimo, tens rasão,
Moça, adeus!... Caralho, vamos!

MOTTE

A mulata, quando fóde,
Parece querer voar!

GLOSA

Não ha machina que mais rpde,
Tão ligeira e tão subtil,
Como seja no Brazil
A MULATA QUANDO FÓDE.
Segure-se bem, si póde
Quem com ella fornicar,
Que a mulata a rebolar
Com o vento dos culhões,
Toma certos furacões,
PARECE QUERER VOAR!

OUTRA

Aqui d'El-Rei! quem me accode!
Que já me sinto morrer!
É o que costuma dizer
A MULATA QUANDO FÓDE.
Ella toda se sacode,
Vem abaixo e sobe ao ar;
E no seu espanejar
Desfaz-se toda em gemidos,
Perde a cor, perde os sentidos,
PARECE QUERER VOAR!

OUTRA

Dá de rabo, quando pode,
Já se apressa, já demora,
Vira os olhos, geme, chora,
A MULATA QUANDO FÓDE.
Ella faz que o cono rode
Como um fuso e sem parar,
Desce á terra, sobre ao ar,
Chupa a lingua, dá dentada,
E, em luxuria banhada,
PARECE QUERER VOAR!

OUTRA

Neste mundo ninguém póde,
Nem os melhores pintores,
Retratar com vivas côres
A MULATA QUANDO FÓDE;
Não ha poema nem ode
Que a tanto possa chegar;
Só se póde experimentar
Da mulatinha o trabalho,
Quando em cima do caralho
PARECE QUERER VOAR!

A FRUCTA

(LUNDÚ)

A minha Marcia tinha
Uma fructa muito bella,
Não no miolo, na casca
Era todo o gosto della.

Ainda me lembra
Que gosto, que lucta
Eu tive, tirando
A casca da fructa!

Entre dous troncos bem grossos,
A fructinha se escondia,
Ás vezes viam-se os troncos,
A fructa nunca se via.

Ainda me lembra etc.

Por mais verde que ella esteja
Sempre tem certa doçura,
Mostra o verdor no tamanho,
Rachada quando madura.

Ainda me lembra etc.

Antes de tirar-lhe a casca
O meu bem tanto a zelava
Que se eu punha a mão nos troncos
Quasi sempre se zangava!

Ainda me lembra etc.

Duas rainhas mostrava
A natureza só nellas,
Era a rainha das fructas
Com a rainha das bellas.

Ainda me lembra etc.

Meu bem, da rival zelosa,
Para sugar-lhe a doçura,
Tinha com força apertado
A bocca na rachadura.

Ainda me lembra etc.

Prostei-me a seus pés, tremendo
Em doce, amoroso abalo,
Exigindo ser p'ra sempre
Destas rainhas vassallo.

Ainda me lembra etc.

Hesitou Marcia um momento,
Porém eu tanto roguei
Que alli mesmo no jardim
O meu despacho alcancei.

Ainda me lembra etc.

Consentio, p'ra que eu sentisse
Desse seu fructo a doçura,
Que eu puzesse a mão no pomo
E a bocca na rachadura.

Ainda me lembra etc.

Não me bem! dizia ella
Toda pia e resoluta;
Sem fallar com o vigario,
Não me toque nesta fructa!

Ainda me lembra etc.

A MENINA DO BANQUEIRO

O diabo da menina
Comigo se enrabichou
De tal modo que por mim
Um banqueiro abandonou
 Dava-lhe o rico banqueiro
 Seis centos mil réis mensaes,
 Eu por dia dou-lhe cinco,
 A menina pede mais.

Pede mais, mas não me deixa
Gosta mais do meu dinheiro,
Acha mais gosto nas minhas
Que nas notas do banqueiro
 Trata as minhas com apreço,
 Trata as delle com desdem,
 Eu não sei, ella é quem sabe
 As minhas que gosto tem.

O banqueiro é um labrego
Grosseiro por natureza,
Talvez que as notas nem saiba
Dar-lhe com delicadeza.

Elle dá notas mensaes,
Eu dou as minhas por dia,
Com toda a delicadesa,
Com toda a diplomacia.

As vezes eu dou-lhe as notas
Com geitos e modos taes,
Que em suspiros dá-me em troca
Ternas notas musicaes.

Feito o troco, diz, tremendo
A bolsa do meu dinheiro,
Quem é que troca esta bolsa
Pelo banco d'um banqueiro.

GLOSSÁRIO

A

abrolho: dificuldade, contrariedade.

adejar: voar.

aleivoso: falso, caluniador.

alicantina: ardil, manha.

arreitação: desejo sexual.

arreitado: mesmo que arretado, isto é, excitado sexualmente.

arreitar: mesmo que arretar, isto é, excitar(-se) sexualmente.

B

badalo: órgão sexual masculino.

basbaque: tolo.

beque: bico, nariz grande.

bitu: personagem de uma cantiga infantil tradicional (*“Vem cá, Bitu”*).

bregeiro: freqüentador da zona de meretrício.

C

cabaço: hímen; atributo físico da virgindade da mulher.

capadocice: burrice.

capixaba: natural do Espírito Santo (ES).

carapau: indivíduo gabola, convencido.

carapinha: cabelo muito crespo e denso, próprio da gente de raça negra.

catadupa: queda-d’água.

chavelhão: chavelha grande (peça de ferro à qual se prende uma segunda parelha de bois para puxar o carro ou o arado).

cisura: rachadura.

colhões: testículos.

coninho: diminutivo de cono.

cono: órgão sexual feminino.

coruja: mulher feia e de idade avançada.

crica: órgão sexual feminino.

cu: ânus ou nádegas.

cumua: latrina.

D

destra: hábil.

donzel: mesmo que donzelo, isto é, rapaz virgem.

E

empavesado: cheio de vaidade; orgulhoso, soberbo.

encetar: começar.

espavento: assombro, espanto, susto.

esporrar: ejacular esperma.

estacada: espaço defendido por estacas.

estentor: voz extremamente forte.

F

fanchono: homossexual.

fornicar: praticar relação sexual.

franquear: permitir.

G

Graças: correlatas latinas às Cárites gregas; relacionadas às artes, integram o séquito de Apolo; representadas como três irmãs, Eufrosina, Talia e Aglaia.

greta: órgão sexual feminino.

grammar: levar (pancada, surra etc.).

grimpar: trepar (a); escalar.

H

hirsuto: hirtto, áspero.

I

ilharga: lado do corpo por sobre os quadris, ao longo das primeiras costelas.

J

jucundo: alegre, agradável.

jungir: juntar, unir, ligar.

L

labrego: diz-se de ou homem rude do campo.

livio: lívido, claro.

lundu: designação de várias canções populares inspiradas em ritmos africanos que foram introduzidas em Portugal e no Brasil a partir do sXVI.

M

malhão: sem rodeios ou formalidades; violentamente, de supetão.

malho: grande martelo próprio para bater o ferro.

malino: endiabrado.

maromba: posição ou situação difícil de sustentar.

N

Numes: espíritos dos antepassados, que protegem a casa.

P

palatino: osso palatino, cada um dos dois pequenos ossos que formam a parte posterior do céu da abóbada palatina.

parvoíce: idiotice.

Pindo: monte do norte da Grécia antiga, entre a Tessália e o Epiro, consagrada a Apolo e às Musas. Hoje Agrafa.

pino: órgão sexual masculino.

pívia: masturbação masculina.

poltrão: medroso, covarde.

pomba: órgão sexual feminino.

pomo: fruto.

porra: esperma ou órgão sexual masculino.

prescindir: renunciar a.

punheta: masturbação masculina.

putanheiro: homem excessivamente lascivo.

R

rabecão: contrabaixo.

racha: órgão sexual feminino.

recamado: recoberto.

repique: fingimento.

rotundo: redondo.

S

soco: calçado grosseiro com sola de madeira; tamanco.

sostido: sustentado.

sundo: ânus ou órgão sexual feminino.

surdir: emergir, brotar.

T

tranquila: peça de madeira com a qual se aperta o cavalo, no manejo ('local onde se realizam exercícios').

tromba: órgão sexual masculino.

trouxa: órgão sexual masculino.

U

ufanar: tornar (alguém) ou sentir-se orgulhoso ou envaidecido.

V

vara: medida antiga de comprimento equivalente a 5 pés portugueses.

vate: indivíduo que faz vaticínio, predição; profeta, vidente; poeta.

vintém: antiga moeda de prata fabricada nas casas de moeda da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro; pouco dinheiro, quantia ínfima.

INDICE

Motte - Junto a uma clara fonte.....	7
Decima - Certa mulher de um marquez.....	10
Motte - Vá para a puta que o pario!.....	11
Motte - Porra no cú não é festa.....	12
Motte - Nariz no cú não é festa.....	13
Motte - Você diz que arromba, arromba.....	14
Motte - Já não tenho mais teção.....	17
Motte - Puz entre as mãos de meu bem.....	18
Motte - Marcianna diz que tem.....	19
Motte - Marcianna com ciumes.....	22
Motte - Quem feliz asno se chama.....	24
Motte - Ou são quatro as graças bellas.....	27
Motte - Priapo teve um ataque.....	28
Motte - As graças servem á meza.....	29
Motte - As graças mostram o cú.....	32
Motte - Já sinto gostos na pomba.....	35
Satyra ao rêgo.....	37
Motte - De putas uma remessa.....	42
Motte - Alma pura e rosto d'anjo.....	43
Motte - Uma amisade sincera.....	44
Decima - Por aqui uma só vez.....	45
Motte - Póde apalpar, póde vêr.....	46
Soneto - A femea Capichaba.....	49
Satyra a um ministro.....	50
Motte - Sebo caguei.....	51
Decima - A B C do Cupido.....	52
Motte - Cupido, rei dos amantes.....	53

Motte - A pombinha de meu bem.....	56
Motte - Os culhões de José Felix.....	57
Motte - Rosas do cume.....	58
Motte - Estava eu, mette não mette.....	60
Motte - Não posso mais atural-o.....	63
Motte - Como vem tão vagarosa.....	65
Motte - Os segredos do caralho.....	66
Motte - D'aqui não ha de sahir.....	69
Dialogo - Para um mineiro obter foda.....	71
Motte - A mulata quando fode.....	77
Lundú - A fructa.....	81
A menina do banqueiro.....	85
Glossário.....	87